

Célio Brovino Porto, Secretário de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

## Quebrando barreiras

Por Bruno Blecher

**D**ISPOSTO A abrir novos mercados para os produtos agropecuários brasileiros, o secretário de Relações Internacionais do Agronegócio, Célio Porto, não desperdiça oportunidade para iniciar uma negociação. Pega carona com a comitiva presidencial para ir à Rússia, viaja a Tóquio juntamente com o pessoal do Itamaraty e, se necessário for, preenche 47 quilos de documentos para comprovar às autoridades japonesas que produtores e frigoríficos brasileiros levam a sério a questão sanitária.

Nesta entrevista à *Agroanalysis*, Célio Porto mostra que, com organização e capacidade técnica, o Brasil, aos poucos, começa a derrubar barreiras sanitárias mundo afora.

**AGROANALYSIS** Com o forte aumento das exportações do agronegócio nos últimos anos, a área de relações internacionais do Ministério da Agricultura passou a ser estratégica para derrubar barreiras sanitárias e abrir mercados.

**CÉLIO PORTO** Houve uma inflexão na curva de produção agrícola brasileira no fim da década de 90. Até então, havia aquela política do Banco Central de tentar manter o real na paridade de 1 por 1. Depois, houve a desvalorização do real em relação ao dólar, o que tornou as exportações atraentes e permitiu um grande salto na produção agrícola brasileira. Evidentemente, há outros fatores que contribuíram: tecnologia, zoneamento, crédito.

**AGROANALYSIS** Quais foram os impactos dessa mudança cambial no setor?

**PORTO** O crescimento foi maior nos grãos inicialmente e, numa segunda etapa, nas carnes. Na área de grãos há poucas barreiras. O comércio mundial tem mais barreiras na área animal do que na vegetal. Por dois motivos: as doenças vegetais não pegam nos humanos. Só as chamadas zoonoses atingem os animais e os homens. Estas são mais problemáticas e geram mais restrições comerciais. Como os animais andam, os pássaros voam, os cuidados com as doenças animais são maiores, porque a facilidade de propagação também é maior. As grandes barreiras são mais sanitárias do que fitossanitárias. A vantagem das exportações animais, principalmente das carnes de frango e suínos, é agregar valor à produção. Em vez de exportar farelo de soja ou grão de milho, é mais vantagem vender carne de frango. O Roberto Rodrigues [*ex-ministro da Agricultura*] costuma dizer que o frango é uma espiga de milho que voa.

**AGROANALYSIS** As exportações brasileiras de carne, principalmente bovina e de frango, registraram uma grande expansão, mas há países que impõem restrições sanitárias a nossos produtos.

**PORTO** Entre as carnes que exportamos, as mais prejudicadas por barreiras sanitárias são as vermelhas, os bovinos e os suínos, por conta de uma doença vagabunda, como diz o Pedro Camargo Neto [*presidente da Associação Brasileira das Indústrias Produtoras e Exportadoras de Suínos-Abipecs*], a febre aftosa. Ela não mata o animal, não pega em humanos. Ela só emagrece o bicho, porque dá muita afta na boca do animal. O

animal perde rendimento na produção de leite ou no ganho de peso. Mas essa doença boba virou barreira no mundo inteiro. Até dez anos atrás, o Brasil não dava muita atenção para a aftosa. Aí, começou a dar, porque viu que os grandes mercados estavam fechados. E os grandes mercados são os países desenvolvidos, que remuneram melhor. Um exemplo muito forte disso é a União Europeia, que era um grande mercado para a carne brasileira. Por problemas de rastreabilidade, a UE criou uma barreira, e o Brasil passou a exportar 10% do que exportava antes e teve de deslocar sua produção para outros mercados, principalmente para a Rússia e o Irã, que pagam menos pela carne. Tivemos um prejuízo financeiro grande.

**AGROANALYSIS** Há muita confusão em relação à febre aftosa. Há restrições à importação de suínos, quando a doença tem sido cada vez mais rara no Brasil e praticamente não afeta mais os suínos.

**PORTO** A febre aftosa tem acontecido raramente em bovinos, mas os suínos têm mais barreiras do que os bovinos. E o suíno é criado num sistema de confinamento total, do nascimento ao abate. O risco de transmissão da doença é mínimo.

**AGROANALYSIS** No caso do suíno esta restrição é só sanitária mesmo ou tem também um caráter econômico?

**PORTO** Na maioria dos casos há disfarces. Uma barreira sanitária é fortemente uma barreira comercial também. Veja o caso da África do Sul. Até 2005, o Brasil exportava carne bovina e carne suína. Aí



“Na maioria dos casos há disfarces. Uma barreira sanitária é fortemente uma barreira comercial também”

houve o foco de aftosa em Mato Grosso do Sul, e a África do Sul suspendeu as exportações. Dos grandes mercados com que tivemos problemas, foi o último a ser reaberto. Eles reabriram agora em março. Mas carne bovina, não suína. E o foco ocorreu em bovinos. A ministra da Agricultura da África do Sul esteve aqui no Brasil no início de abril, e nós reclamamos. Na verdade, eles não reabriram por problemas comerciais. A Associação Brasileira de Exportadores de Carne de Frango (Abef) esteve numa missão na Indonésia, e eles disseram que não dava para abrir o mercado, porque eles têm uma produção doméstica e pode prejudicar. Ora, a maioria desses países é membro da Organização Mundial de Saúde Animal. Quem reconheceu o *status* sanitário do Brasil foi a Organização. Portanto, se a Indonésia é um país membro, deve reconhecer a medida da Orga-

nização Mundial de Saúde Animal, e não ficar postergando, fazer da barreira sanitária uma barreira comercial. O Uruguai até agora em março não reconhecia o *status* sanitário do Brasil em aves, sob a alegação que nós tínhamos a doença de New Castle. O último foco dessa doença ocorreu no Rio Grande do Sul. O ministro uruguaio esteve aqui com o nosso ministro e o Inácio Kroetz, secretário de Defesa Agropecuária. E o Inácio virou para o ministro do Uruguai e disse: olha, os pássaros que podem ter a doença no Rio Grande do Sul vão para o Uruguai o tempo todo. E os de vocês também. Então, qual é o problema? Finalmente foi assinado um acordo, e eles concordaram em aceitar o *status* sanitário do Brasil, desde que a gente aceitasse uma quota de exportação. Acabamos aceitando. Só para evitar o vexame de ter um vizinho duvidando do nosso *status* sanitário.

#### **AGROANALYSIS** Quais são hoje as principais restrições sanitárias a nossos produtos. O que falta abrir?

**PORTO** Disparado, o maior mercado para as carnes suína e bovina, fechado para o Brasil hoje, é o Japão. Importou em 2008 US\$ 6,3 bilhões. O Japão é o maior importador mundial de carne suína e está fechado para o Brasil. Quem abastece os japoneses são os EUA, o Canadá e a Dinamarca. Muitas vezes, parte da demora em se derrubar a restrição sanitária é por causa do *lobby* dos concorrentes. Eles ficam fustigando as autoridades japonesas com suspeitas, com matérias da imprensa e outras coisas mais.

#### **AGROANALYSIS** É o caso dos EUA na carne de frango? Quem abastece o mercado russo são os EUA.

**PORTO** A Rússia é um caso à parte, porque o problema lá não é sanitário. Os russos não fazem parte da OMC e eles têm um sistema de quotas por origem geográfica. Essas quotas foram definidas dez anos atrás. Naquela época, o Brasil não tinha uma grande participação no mercado russo e acabou prejudicado. Nós temos pleiteado a eles fazerem quota sem discriminação geográfica. Mas não têm aceitado. Para bovinos, até flexibilizaram. No caso de suínos, a quota é de 40% do mercado, e a gente não pode ir além disso. No frango, a quota de livre acesso é só 5% do mercado. O maior exportador mundial de frango, o Brasil, só tem acesso a 5% do mercado russo, porque a quota é quase toda dos EUA. É um verdadeiro cartório para o frango americano.

#### **AGROANALYSIS** Nós temos chance de vender carne bovina para o Japão?

**PORTO** O mercado de carne bovina no Japão, de aproximadamente US\$ 2 bilhões, é dominado hoje pela Austrália e pelos EUA. A Austrália é ali do lado do Japão, e não vamos conseguir competir com eles. Com os EUA dá para concorrer. No caso dos suínos, é mais tranquilo.

#### **AGROANALYSIS** E o mercado americano? Quais são as nossas chances?

**PORTO** É o segundo grande mercado que está fechado para o Brasil. Eles importaram US\$ 2,75 bilhões de carne bovina e US\$ 761 milhões de carne suína em 2008. Depois, vem a Rússia, com US\$ 3,5 bilhões. Mas o mercado mais fechado para o Brasil é o México, que importou em 2008 US\$ 2,2 bilhões em carnes. Nós fizemos um estudo para avaliar, dos produtos que nós exportamos, qual é nossa presença nos países que importam esses produtos. Na média, deu 25%. O México deu 1%. É o pior mercado para o Brasil.

**AGROANALYSIS Qual é o motivo dessa restrição? Por causa dos EUA?**

**PORTO** É barreira mesmo. O México é o país que mais usa barreira sanitária, mas que na verdade tem um fundo comercial. Eles não querem concorrência e não querem acordo comercial com o Brasil.

**AGROANALYSIS Em que pé estão as negociações com o Japão?**

**PORTO** No Japão, que é o maior mercado fechado, a questão é sanitária. É a febre aftosa. O que nós temos negociado por hora, como primeira etapa, é o reconhecimento do Estado de Santa Catarina como zona livre de aftosa sem vacinação. O mundo precisa reconhecer o que Santa Catarina fez na área sanitária, para que isso sirva de exemplo e modelo para os demais. A maior resistência que países como o Japão têm é a regionalização. Eles defendem que o país todo tem de ser livre da doença, e não apenas um Estado ou uma região. Mas o Brasil patrocinou o princípio da regionalização, e a Organização Mundial de Saúde Animal reconheceu isso há vários anos. Agora, quando surgiu a gripe aviária, os americanos e os europeus queriam reconhecer e adotar também esse princípio. O Japão, que é uma ilha e não faz fronteira com ninguém, sempre defendeu que o país todo tem de ser livre de doença para que possa autorizar a importação. Depois de muitas negociações, eles reconheceram o princípio da regionalização. Agora, nós estamos negociando a habilitação de estabelecimentos. Nós acabamos de res-

ponder um questionário para o Japão. Foram quatro caixas de papel com 47 quilos de documentação que enviamos a Tóquio, referentes a 25 estabelecimentos. Felizmente, as negociações estão avançando.

“O maior mercado para as carnes suína e bovina, fechado para o Brasil hoje, é o Japão. Importou em 2008 US\$ 6,3 bilhões”

**AGROANALYSIS Se o Brasil conseguir abrir o mercado japonês, isto pode ser uma credencial para acessar outros países?**

**PORTO** Podemos abrir também a Coreia, que é um grande importador com US\$ 600 milhões de carne suína/ano. Estamos em processo de negociação com a Coreia também, mas está mais atrasado do que com o Japão.

**AGROANALYSIS E a China?**

**PORTO** Nós acreditamos que a China tende a ser importador crescente de todas as carnes, principalmente de carne suína, por conta da poluição, dos dejetos. A China é um dos países com maior problema de poluição do mundo. Na carne bovina, por causa de problema de espaço, eles abatem matrizes leiteiras. Então, a carne que eles comem é dura, e eles preferem comer carne cozida.

**AGROANALYSIS Alguns anos atrás, tanto as associações de produtores e exportadores quanto os próprios países importadores costumavam reclamar muito da burocracia do Ministério da Agricultura. Eles argumentavam que alguns relatórios solicitados pelos países importadores sobre questões sanitárias ficavam na gaveta de funcionários do Ministério e, às vezes, não eram nem respondidos. Com isso, o Brasil perdia a chance de exportar. Pela importância que o Ministério dá hoje às relações internacionais, isso mudou muito, não é?**

**PORTO** Muita coisa contribuiu para isso. O Roberto Rodrigues fez uma reestruturação completa do Ministério para adequá-lo às novas necessidades. Para você ter uma ideia, o Ministério não tinha uma área de relações internacionais. Havia 30 anos que não se fazia uma reforma estrutural. Antes disso, em 2001, o ministro Pratini de Moraes conseguiu retomar os concursos públicos para as contratações de fiscais, depois de 20 anos. Tudo isso renovou e aumentou os quadros. O agronegócio quase que triplicou de 2002 para cá. O Ministério se organizou mais. E no caso desta secretaria a grande vantagem é que ela conseguiu organizar a agenda internacional. Não havia uma agenda proativa. O pessoal viajava para apagar os incêndios.

**AGROANALYSIS E agora nós temos também os adidos agrícolas.**

**PORTO** Isso era uma demanda de longa data. A diplomacia brasileira é muito capaz e competente. Só que a carreira do diplomata o obriga a mudar de posto a cada três anos. O diplomata que está na China cuidando de agricultura poderá estar amanhã no Consulado de São Francisco carimbando passaporte. Outra coisa: cada vez mais as barreiras são barreiras técnicas. Pode ser rotulagem de alimento, segregação de transgênico ou alguma restrição sanitária. O adido tem mais condições de diálogo com os técnicos do Ministério da Agricultura local e mais facilidade para responder às demandas. ■